

## **EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E PRÁTICAS MULTIDISCIPLINARES: A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGO (A) NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA – POSSIBILIDADES E DESAFIOS.**

Érica Aragão Monteiro<sup>1</sup>  
Edimilson Duarte de Lima<sup>2</sup>

### Resumo

O trabalho aborda a prática multidisciplinar de atuação psicopedagógica destacando-se o processo de ensino e aprendizagem na formação do médico. Objetivamos problematizar a prática psicopedagógica no curso de medicina, discutindo as possibilidades e desafios a partir de uma matriz curricular que garante a atuação do psicopedagogo na fase do internato. Cabe ao psicopedagogo (a) oferecer apoio e retaguarda ao aluno matriculado nas atividades do internato, conforme prevê a Resolução CNE de junho de 2014, no Art. 24º. As atividades práticas do internato têm como base o Currículo EPA (Entrustable Professional Activities / Atividades Profissionais Confiáveis), modelo curricular que contempla competências específicas para a formação médica, envolvendo atividades executáveis e observáveis que são elementos para a avaliação de cada interno. O psicopedagogo (a) busca apoiar o desenvolvimento e o desempenho acadêmico/cognitivo nessas atividades, através de acompanhamento dos alunos em defasagem de aprendizagem, realização de oficinas, reuniões de feedback, visando o rendimento cognitivo dos discentes, incluindo acolhimento em saúde mental, quando necessário. Os desafios enfrentados na psicopedagogia perpassam pela conquista de um espaço de visibilidade e apoio profissional interdisciplinar no curso de medicina, a adesão dos alunos às oficinas e ao atendimento e acolhimento psicopedagógico com cunho em saúde mental. Como base teórica temos Paulo Freire, Sampaio, Visca entre outros. Busca-se, dessa forma, mostrar que o trabalho psicopedagógico é um dispositivo necessário para a formação do profissional médico, já que cabe a ele manter a sua formação cognitiva e desenvolver habilidades e competências que ultrapassam os seus conhecimentos técnicos-científicos.

Palavras-chaves: medicina; psicopedagogia; multidisciplinaridade; educação profissional.

---

<sup>1</sup> Professora auxiliar na Universidade UNIGRANRIO e Psicopedagoga do internato Médico – UNIGRANRIO – Doutora em educação - [erica.aragao.ufrj@gmail.com](mailto:erica.aragao.ufrj@gmail.com)

<sup>2</sup> Psicopedagogo do internato médico medicina UNIGRANRIO, Mestre e Doutor em Psicologia. Pós-doutor/Investigador visitante - CES/UC/Portugal Clínico, consultor e pesquisador em Saúde Mental - [revllima@gmail.com](mailto:revllima@gmail.com)

## Introdução

O presente artigo foi apresentado no IX Congresso Nacional de Educação realizado no Centro de Convenções de João Pessoa em outubro de 2023 cujo tema foi “Educação para a sociedade: ciência, tecnologia e sustentabilidade”. A partir da proposta do congresso, o trabalho aborda a prática multidisciplinar de atuação psicopedagógica, destacando-se o processo de ensino e aprendizagem na formação do médico. O objetivo foi problematizar a prática psicopedagógica no curso de medicina, em atuação no atendimento aos internos do 9º ao 12º período de medicina, momento esse denominado “Internato”. Buscamos a reflexão sobre as possibilidades e desafios da matriz curricular que garante a atuação do psicopedagogo na fase do internato.

Entende-se a relevância em discutir a prática psicopedagógica no curso de medicina, tendo como objeto de análise a atuação multiprofissional, sobretudo, o trabalho de intervenção do psicopedagogo (a) na formação do acadêmico dos discentes. Tal relevância justifica-se por compreender a complexidade da formação médica e suas nuances compostas por práxis e saberes em uma realidade no contexto do ensino superior. Cabe ao psicopedagogo (a) oferecer apoio e retaguarda ao aluno matriculado nas atividades do internato, conforme prevê a Resolução CNE de junho de 2014, no Art. 24º.

No texto, a ênfase é dada a fase do internato, onde o trabalho do psicopedagogo (a) faz parte da constituição da equipe multiprofissional que acompanha pedagogicamente o aluno. As atividades práticas do internato são feitas em hospitais conveniados e supervisionadas por médicos-preceptores e elas têm como base o Currículo EPA (Entrustable Professional Activities / Atividades Profissionais Confiáveis), modelo curricular que contempla competências específicas para a formação médica, envolvendo atividades executáveis e observáveis que são elementos para a avaliação de cada interno. Nesta fase do curso de medicina, cabe ao psicopedagogo (a) apoiar o desenvolvimento e o rendimento acadêmico/cognitivo nessas atividades, através de acompanhamento dos alunos em defasagem de aprendizagem, realização de oficinas, reuniões de feedback, visando o rendimento cognitivo dos discentes, incluindo acolhimento em saúde mental, quando necessário.

Diante do exposto, apresentaremos os desafios e possibilidades da atuação do psicopedagogo (a) no internato do curso de graduação em medicina, defende-se que ele é um dispositivo de intervenção necessário e potente para a formação do futuro profissional médico. Entende-se que a psicopedagogia possui ferramentas teóricas e práticas que podem contribuir para a formação cognitiva e desenvolvimento de habilidades/competências que complementam os conhecimentos técnicos-científicos do profissional médico.

### Resultados e discussão: O Papel do Psicopedagogo na Formação de Universitários de Medicina

A formação de profissionais da área da saúde, especialmente os futuros médicos, é um processo desafiador e complexo, que vai muito além do domínio técnico-científico. Enquanto a educação médica prioriza o ensino de anatomia, farmacologia, fisiologia e outras disciplinas fundamentais, muitas vezes, negligencia aspectos psicopedagógicos essenciais para o desenvolvimento integral do estudante. Nesse contexto, o psicopedagogo desempenha um papel significativo, porém frequentemente subestimado, na formação dos universitários de medicina. Sua atuação vai além do suporte acadêmico, abrangendo aspectos emocionais, cognitivos e comportamentais dos estudantes, buscando promover um ambiente de aprendizado saudável e eficiente. Ambiente esse essencial para o desenvolvimento do estudante e para o processo de ensino-aprendizagem realizado com afeto e eficiência. Sabe-se que para aprender é fundamental mobilizar emoções que impulsionam o aprendiz ao desejo de aprender mais e de pôr em prática seus aprendizados. Para Cunha (2010, p 16): “Nossos impulsos emocionais têm início no afeto. Referimo-nos às sensações que se vivenciam no campo dos sentimentos e que nos trazem experiências reais, boas ou ruins. Essas experiências são responsáveis pelo nosso sucesso ou insucesso no mundo acadêmico”.

Quase ninguém chega a uma universidade sem antes ter sido movido por uma dimensão afetiva, mesmo que a escolha de fazer um curso desafiador como medicina tenha sido influenciada pelos pais, ou até mesmo induzida pelos familiares ou pelo *status quo*, ainda assim é uma decisão que envolve afeto. Esse afeto pode inclusive tornar-se algo negativo, ruim, se o desejo e a vocação para a profissão não forem suficientes para

vencer os desafios que se apresentam na formação acadêmica do curso. Um dos principais desafios do estudante e do interno de medicina é conciliar a vida acadêmica com a vida pessoal, pois ao ingressar na faculdade há uma significativa diminuição do tempo para família, relações sociais, lazer e atividades físicas. Essas atividades são fundamentais para manter o nosso equilíbrio mental e até orgânico, pois proporcionam bem-estar.

Todavia, diante desse contexto, frequentemente os estudantes possuem dificuldades emocionais ao lidar com esses desafios, ou ainda, escondem suas dores e não buscam ajuda, o que causa adoecimento mental. Doenças como transtorno de ansiedade e depressão tem se tornado comuns no meio médico acadêmico. Tal conclusão é observada pelos relatos e experiências nos atendimentos psicopedagógicos, e pode-se afirmar ainda que é ratificada pelo alto índice de adoecimento mental e suicídio na área médica. Em 2016, já havia estudos que apontavam a gravidade da questão. O CRM PR publicou uma matéria, no seu site, na qual se afirmava que médicos se suicidam cinco vezes a mais que a população em geral. Há diversos fatores indicativos para essa ação consequente de uma omissão à saúde mental. Os estudantes de medicina e médicos costumam dedicar-se durante horas aos estudos, lidam com a doença e morte em contextos, muitas vezes, precários material e socialmente e criam expectativas, na faculdade, sobre a profissão que podem ser rompidas ao estarem atuando profissionalmente na prática médica.

Quanto a isso identifica-se como hipótese, no contexto desse estudo, duas causas principais: a primeira é a falta de desejo e identificação real com as competências e habilidades que a profissão requer, e a segunda é o descuido dos médicos e estudantes-internos com a sua própria saúde mental. Muitos desses estudantes têm todo apoio financeiro da família, e o apoio técnico-conteudista de colegas ou professores médicos, porém isso não é o suficiente para amparar as dores e estresse que a profissão pode apresentar. Os professores-preceptores são os profissionais que mais convivem com os internos, mas frequentemente, não tem habilidade e/ou sensibilidade para perceber que um aluno pode estar muito doente e que essa doença é principalmente de cunho mental. Falta também a esse médicos-educadores uma formação mais humanizada que os habilitem a ter um processo de comunicação mais afetuosos e atento com o estudante. Conforme assinala Meleiro:

É um contra-senso sabermos que os estudantes de medicina aprendem e trabalham nas consideradas melhores faculdades do País, com as melhores equipes, e a sensibilidade geral da equipe hospitalar negligencia a saúde do estudante, principalmente com atitudes pejorativas em relação à doença mental. Os esforços das faculdades de medicina, nas últimas décadas, em dar assistência psicológica ao aluno ainda ressoam pouco. Simon, em 1968, realizando um estudo retrospectivo em 62 escolas médicas norte-americanas e três canadenses, concluiu que o suicídio é a segunda causa de morte entre os estudantes de medicina, perdendo apenas para os acidentes. Os dados encontrados com os alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo aproximaram-se aos dos obtidos por Simon (Millan *et al.*<sup>27</sup>). Não há estudos em outras faculdades de medicina do Brasil sobre esse assunto. (MELEIRO, p. 2, 1998)

Sendo assim, é fundamental a importância do trabalho do psicopedagogo para ouvir e acolher os estudantes, bem como contribuir na mobilização de conhecimentos, habilidades e atitudes que formarão o profissional médico. Outro aspecto imprescindível no trabalho psicopedagógico é a identificação de dificuldades de aprendizagem dos estudantes. No contexto, do trabalho apresentado, observa-se que a maior parte das dificuldades ou transtornos de aprendizagem dos alunos estão associadas aos transtornos de depressão ou ansiedade (entre outros transtornos). 90% dos alunos que ficaram para prova de recuperação do internato médico da Unigranrio estavam sendo acompanhados, ou já tinha sido, pelo psicopedagogo do internato ou pelo NED (núcleo estruturante discente). Para Sampaio (2011, p. 17): “quando o fracasso escolar se revela, inúmeras hipóteses são formuladas, a fim de auxiliar o entendimento do problema, e diversas questões são levantadas”. A afirmação de Sampaio provoca algumas inquietações psicopedagógicas: a dificuldade desses alunos é momentânea ou permanente? É um fator orgânico ou psicológico? É um fator ambiental, como por exemplo, o ensino e materiais que foram ofertados? A questão está na relação professor-aluno?

Por meio desses fatores e da identificação de um ou mais deles, o psicopedagogo pode então traçar com o aluno as estratégias mais eficazes para a superação das dificuldades. Todavia, tendo em vista a identificação que a maior parte dos alunos de medicina apresenta dificuldade por conta do contexto que gera estresse, ansiedade e depressão, torna-se então muito relevante a parceria com o serviço de psicologia e psicopedagogia do NED, bem como a orientação para que o aluno procure ajuda médica.

Identificação de Dificuldades de Aprendizagem

O psicopedagogo é treinado para identificar dificuldades de aprendizagem e oferecer estratégias específicas para superá-las. Muitos estudantes de medicina enfrentam desafios na assimilação do vasto conteúdo teórico e prático, seja devido à sobrecarga de informações, à pressão acadêmica ou a dificuldades individuais de aprendizagem. O psicopedagogo pode ajudar na identificação precoce desses obstáculos, oferecendo apoio personalizado para o aluno. Contudo, em um contexto dinâmico, em que a rotina de atendimentos é grande e há outras demandas Institucionais a serem cumpridas, muitas vezes, o trabalho preventivo fica à margem. Outro obstáculo para o planejamento e desenvolvimento de estratégias de prevenção é que a maior parte dos alunos está mais preocupado com as atividades práticas do internato, e com os comprometimentos legais para cumprir a carga horária prática obrigatória. Sendo assim, as atividades tais como encontros e oficinas, para tratarmos de tema como saúde mental, desenvolvimento de competências, inteligência emocional, trabalho em equipe são feitas com um número muito baixo de alunos. Eles não costumam comparecer a oficina e diante das observações de comportamentos, discursos e atitudes, mais uma vez, comprova-se que os futuros médicos não estão preocupados com sua saúde mental, ou até mesmo ainda têm preconceitos em relação a área de psiquiatria.

Sendo assim, identificar as dificuldades de aprendizagem desses alunos é bastante complexo, tendo em vista que não é somente o resultado de provas e avaliações que leem e descrevem a proficiência de nossos alunos. Se a maior parte dos discentes procurasse o serviço de acompanhamento psicopedagógico mais precocemente, relatando suas dificuldades no início que elas aparecem, poderíamos agir antes de consequências mais graves como reprovações, transtornos mentais avançados e crônicos etc.

### Orientação Vocacional e Gerenciamento do Estresse

A pressão para alcançar altos padrões acadêmicos e a responsabilidade de lidar com vidas humanas podem gerar estresse e ansiedade nos estudantes de medicina. O psicopedagogo atua como um facilitador, oferecendo suporte emocional, orientação vocacional e estratégias de gerenciamento do estresse. Esse profissional pode auxiliar

os estudantes a desenvolverem habilidades de autocuidado, resiliência e equilíbrio entre vida acadêmica e pessoal.

Saber gerenciar o estresse é uma competência bastante requisitada no contexto acadêmico da medicina e principalmente no momento do internato. Todavia, o gerenciamento do estresse exige também a remodelação de hábitos e gestão do tempo. Para isso, é preciso aprender sobre esses fatores, o que para o estudante de medicina não é prioridade. Eles priorizam os conhecimentos específicos que os darão segurança para o atendimento e principalmente o diagnóstico e conduta com o paciente. O sujeito busca atender as necessidades dos pacientes e esquece-se das suas, aumentando então os riscos que atingirão a ele mesmo e também aos seus pacientes. Afinal, nenhum ser humano funciona equilibradamente em situação de excesso de estresse, ansiedade, depressão, pânico... Por conseguinte, fica prejudicado também a capacidade de tomada de decisão do discente, tanto no estágio do internato, como também no planejamento da sua vida profissional posterior ao internato, quando já estiver formado. Desse modo, é importante também que o psicopedagogo realize um trabalho de orientação vocacional. Nas práticas e intervenções psicopedagógicas realizadas no internato Unigranrio também fazemos esse tipo de orientação quando os alunos ainda estão muito indecisos sobre a carreira que querem seguir. Com o intento de esclarecer dúvidas ou possibilitar caminhos, as conversas estimular o autoconhecimento e o pensamento crítico. Nesses momentos não se busca um resultado final como é, por exemplo, dado nos testes vocacionais, mas a orientação ou a reflexão crítica sobre as possibilidades e desafios do indivíduo.

#### Estímulo ao Pensamento Crítico e à Comunicação Efetiva

Além do conhecimento técnico, a medicina requer habilidades interpessoais e de comunicação eficazes. O psicopedagogo pode colaborar no desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes, incentivando a reflexão, o questionamento e a resolução de problemas de maneira criativa. Além disso, auxilia na melhoria das habilidades comunicativas, essenciais para a relação médico-paciente e trabalho em equipe. Essas ações para estímulo ao pensamento críticos e a comunicação ocorre até de forma inconsciente quando um aluno procura o psicopedagogo para dialogar, para atendê-lo em uma determinada demanda. Mesmo que a demanda seja relacionada a

saúde mental ou alguma dificuldade biopsicossocial, haverá um processo de trocas comunicativas onde o psicopedagogo pode provocar a habilidade de comunicação mais elaborada, bem como o pensamento crítico, por meio de reflexões e perguntas feitas ao discente.

Por fim, são primordiais as interações que ocorrem entre aluno e psicopedagogo e aluno-professor, pois por meio delas somos provocados a repensar nossa linguagem e também nossos conceitos, transpondo limites de nossas próprias questões e repensando os pré-conceitos.

### Promoção de Ambientes de Aprendizagem Inclusivos e Motivadores

Ao trabalhar em conjunto com os professores-preceptores e coordenadores do curso de medicina, o psicopedagogo pode contribuir para a criação de ambientes de aprendizagem inclusivos e motivadores. Estratégias pedagógicas diferenciadas, adaptações curriculares e métodos de ensino inovadores são algumas das contribuições que podem ser oferecidas para atender às necessidades individuais dos estudantes. Outro ponto decisivo é provocar os alunos e professores a pensarem os métodos que melhor se adequam a realidade de uma turma, de um grupo ou mesmo de um indivíduo, pois há situações em que as dificuldades ou os transtornos de aprendizagem do aluno requerem um planejamento individualizado, ou um plano de ensino individualizado (PEI). É fundamental para o aluno com alguma necessidade educativa especial, como por exemplo TDAH ou autismo, que a comunicação seja clara, direta e atenta ao processo e ritmo do aluno. Todavia, é um trabalho muito árduo do psicopedagogo, pois muitos médicos-preceptores não tem conhecimento aprofundado sobre necessidades educacionais especiais, ou não, dão a devida atenção a essa questão. É preciso que se tenha em mente que cada indivíduo aprende de uma forma, logo tem a sua modalidade de aprendizagem. Para Sampaio (2011, p. 57): “Identificar a modalidade de aprendizagem do sujeito é importante, para que o professor possa rever sua metodologia, tentando adequá-la às dificuldades do aluno, com o propósito de (re)significar a sua aprendizagem”

Há ainda muitos mitos e estigmas sobre essa temática que precisa ser trabalhada intensamente nos cursos de medicina, pois as áreas de licenciaturas, educação já estão mais atentas a essas questões, porém a área de formação em saúde ainda precisa olhar os alunos e até pacientes como um ser único e não uma pessoa doente ou deficiente, pois nem todas as dificuldades de aprendizagem pressupõem uma deficiência ou provêm de uma deficiência. Assim, Marques e Naiff (2013, p. 96) apontam:

“A expressão “necessidades educacionais especiais” (NEE) é utilizada para referir-se a pessoas cujas necessidades decorrem da sua elevada capacidade ou de suas dificuldades para aprender. Embora esteja associada à dificuldade de aprendizagem, é comum o uso desse termo de modo restritivo e errôneo vinculado às deficiências. Surge o reconhecimento de que estes estudantes passam a ser especiais quando exigem respostas específicas e apoios adequados às suas necessidades. Embora as necessidades especiais na escola sejam amplas e diversificadas, as políticas atuais apontam uma definição de prioridades no que se refere ao atendimento especializado a ser oferecido”

Em suma, o papel do psicopedagogo na formação de universitários de medicina é fundamental para o desenvolvimento integral dos futuros profissionais de saúde. Sua atuação vai ao encontro das demandas emocionais, cognitivas e sociais dos estudantes, contribuindo para a formação de médicos mais capacitados, resilientes e humanizados.

Portanto, é crucial que as instituições de ensino reconheçam e valorizem a importância do psicopedagogo na formação acadêmica em medicina, integrando suas contribuições de forma efetiva no currículo e nos programas de apoio aos estudantes. Essa parceria colaborativa pode fazer a diferença na construção de profissionais de saúde mais preparados para os desafios da prática médica moderna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo buscou tratar o tema educação profissional e práticas psicopedagógicas no contexto universitário da formação do médico. O destaque foi dado à atuação do psicopedagogo (a) frente aos desafios e possibilidades de intervenção na fase do internato com alunos do 9º ao 12º período da graduação do curso de medicina em uma universidade privada da cidade do Rio de Janeiro.

Diante dos pontos apresentados ao longo do texto, considera-se que problematizar o trabalho psicopedagógico em uma equipe multidisciplinar refere defender a relevância e a hipótese de que o psicopedagogo pode, efetivamente, contribuir para a boa formação do futuro profissional de medicina. A partir do que foi exposto, entende-se que o aluno de medicina passa por uma complexidade de experiências biopsicossociais compostas de nuances, envolvendo práxis e saberes dentro do universo acadêmico.

Considera-se que a formação do profissional da área da saúde, especialmente os futuros médicos, é um processo desafiador e complexo, que vai muito além do domínio técnico-científico, pois a dimensão afetiva perpassa todo o percurso da graduação. São emoções diversas que atravessam o desejo pela profissão, através de sonho de ser médico ou influências familiares, entre outros aspectos biopsicossociais. A dificuldade em lidar com tais desafios, podem causar sofrimento, abalando a saúde mental do estudante e interferir no seu rendimento cognitivo. Assim, a intervenção do psicopedagogo (a), através de algumas atividades em grupo ou mesmo individuais, pode contribuir para o bem estar do aluno.

É destacado no texto a discussão sobre a necessidade de investimento na formação do professor-preceptor, pois é o profissional que convive diariamente com o aluno do internato nas unidades de saúde, onde ocorrem os estágios. Trata-se de estimular a habilidade/sensibilidade deste profissional para perceber algum tipo de fragilidade emocional no aluno ou, até mesmo, algum tipo de sofrimento subjetivo.

Outro aspecto considerado relevante na atuação do psicopedagogo é a identificação e intervenção nos casos de dificuldade ou transtorno de aprendizagem, além dos casos de transtornos associados à depressão ou ansiedade. Tais casos levam a inquietação psicopedagógica: são situações momentâneas ou permanentes? É um fator orgânico ou psicológico? São questões que convocam a equipe multidisciplinar a refletir sobre o tema “fracasso escolar”. Pauta frequente para o profissional da educação.

Ao final, conclui-se que nenhum ser humano funciona equilibradamente em situação de excesso de estresse, ansiedade, tristeza ou outros mecanismos que podem levar ao sofrimento psíquico. É primordial a interação entre psicopedagogo e o estudante de medicina para que ocorra a reflexão sobre as ações e as estratégias de intervenções psicopedagógicas em prol da formação qualificada no curso de medicina.

Considera-se, por fim, que a atuação do psicopedagogo pode ser um dispositivo de intervenção necessário e potente para o desenvolvimento integral do futuro médico. Trata-se de intervenções psicopedagógicas que vão ao encontro das demandas emocionais, cognitivas e sociais dos estudantes, contribuindo para uma formação mais humanizada, resilientes e capacitada.

Portanto, diante da discussão apresentada sobre a formação multiprofissional no ensino superior de medicina, é crucial o desenvolvimento de novas pesquisas científicas, com base em experiências concretas, para a ampliação de recursos teóricos e metodológicos, favorecendo assim à formação do profissional de saúde.

#### REFERENCIAS:

AMORETTI, R. A educação médica diante das necessidades sociais em saúde. Ver. **Bras. Educ Med.** 2005; 29(2): 136-46.

<https://www.crmpr.org.br/Medicos-se-suicidam-cinco-vezes-mais-que-a-populacao-em-geral-13-47476.shtml> Acesso em 10 dez

A.M.A.S. M. “Suicídio entre médicos e estudantes de medicina”. Artigos de Revisão. Revista **Assoc. Med. Bras.** 44 (2), Jun 1998 disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-42301998000200012> - Acesso em: 09 dez

BEAUCLAIR, J. Psicopedagogia trabalhando competências, criando habilidades. 4ª edição – Rio de Janeiro **Wak** Editora, 2011.

CUNHA, A. E. Afeto e Aprendizagem: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. 2ª edição Rio de Janeiro **Wak** Ed 2010

MARQUES, V. NAIFF, L. A. S., E. Escola – Lugar para um ou para todos? Revista psicologia e educação: conexões e diálogos. Seropédica, RJ: ed da **UFRRJ**, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação (BR). Resolução nº 3, de 20 de julho de 2014. **Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de medicina.** Brasília: Ministério da Educação; 2014.